

Travestis brasileiras trabalhadoras do sexo

algumas notas além da
heteronormatividade¹

*Brazilian travesti sex workers:
some notes beyond heteronormativity*

Julieta Vartabedian

*University of Cambridge
Investigadora afiliada pós-doutoral
jlvartabedian@gmail.com*

¹ Algumas questões mais teóricas podem ser encontradas também em Vartabedian (2017).

02

Resumo

Baseado na minha pesquisa junto a travestis brasileiras trabalhadoras do sexo no Rio de Janeiro, este artigo pretende descentrar a forte associação entre trabalho sexual e mulher (cisgênero) e, ao mesmo tempo, questionar a forma “correta” (isto é, branca e de classe média) que alguns discursos hegemônicos utilizam para apresentar as identidades trans. Proponho uma aproximação interseccional para analisar os distintos significados que as participantes conferem ao trabalho sexual para nos determos nas experiências de uma população para quem o trabalho sexual é uma forma de empoderamento e de ubicação – ainda que precária – no mundo. Assim, o lugar da beleza na construção de corpos femininos e desejáveis é de grande importância para possibilitar que as travestis se convertam em sujeitos inteligíveis num contexto social onde a delgada linha que separa a vida da morte estrutura o cotidiano travesti.

Palavras-chave: travestis, trabalho sexual, beleza, corpos, empoderamento, vida/morte.

Abstract

Based on my research with Brazilian *travesti* sex workers in Rio de Janeiro, this article aims to decentre the strong association between sex work and (cisgender) women and, at the same time, question the “correct” way (that is, white and middle class) that some hegemonic discourses use when presenting trans identities. I propose an intersectional approach to analyse the different meanings the participants give to sex work in order to focus on the experiences of a population for whom sex work is a form of empowerment and a way to situate them – although precariously – in the world. Thus, the place of beauty in the construction of feminine and desirable bodies is of great importance to enable the *travestis* to become intelligible subjects in a social context where the fine line between life and death structures their daily lives.

Keywords: *travestis*, sex work, beauty, bodies, empowerment, life/death.

Introdução

A partir de uma experiência etnográfica junto a travestis brasileiras trabalhadoras do sexo no Rio de Janeiro, este artigo pretende descentrar a estreita relação entre trabalho sexual e mulher (cisgênero) e, ao mesmo tempo, questionar a maneira como as narrativas trans foram construídas desde um contexto hegemônico anglo-saxão, branco e de classe média onde alguns corpos trans são apresentados como mais legítimos do que outros. Uma análise interseccional vai permitir compreender de maneira crítica os diversos significados do trabalho sexual entre as participantes para, mais especificamente, analisar a importância desta atividade como um elemento de empoderamento que lhes permite reivindicar um certo grau de reconhecimento, ainda que finito e temporário, numa sociedade que as marginaliza e estigmatiza amplamente. Para as participantes, neste sentido, sentir-se belas é um ato que não só contribui para seu 'sucesso' como trabalhadoras do sexo num entorno de alta competitividade onde podem sentir-se desejadas, mas também como uma experiência que confere prestígio entre seus pares e que dá sentido ao seu estar no mundo.

O trabalho de campo durou aproximadamente um ano e foi realizado no Rio de Janeiro (durante 2008) e em Barcelona (intermitentemente entre os anos 2009 e 2011). O objetivo da minha pesquisa foi explorar as transições corporais e espaciais das travestis brasileiras tanto no país de origem como nos seus deslocamentos transnacionais. Em ambas as cidades, realizei observações participantes e entrevistas em profundidade semi-estruturadas com travestis brasileiras, cirurgiões plásticos e agentes de ONGs que tinham vínculos com as profissionais do sexo, as travestis. Não realizei um estudo comparativo, mas sim uma etnografia multi-situada (MARCUS, 1995) onde Rio de Janeiro e Barcelona foram lidas como duas cidades, entre outras, pelas quais as participantes davam sentido à suas construções identitárias como travestis. Neste artigo, não obstante, vou me centrar exclusivamente nas experiências das participantes no Rio de Janeiro porque foi onde obtive o material mais rico para refletir sobre a temática proposta aqui.

No Rio de Janeiro, a maior parte do trabalho de campo se desenvolveu numa antiga casa no bairro da Lapa, na qual moravam entre 10 e 15 travestis, e onde se davam os acontecimentos mais relevantes vinculados às travestis trabalhadoras do sexo no bairro. Reyna,² travesti líder de Lapa, dirigia a casa e aprovou minha participação nela. Também acompanhei dois projetos da Prefeitura do Rio: o “Projeto Damas” (treinamento profissional para travestis) e o “Programa de luta contra a exploração sexual de crianças”. Como parte do último projeto, com uma equipe de educadores sociais, entregávamos preservativos e lubrificantes a travestis profissionais do sexo em toda a cidade, o que possibilitou que eu tivesse acesso a experiências e áreas da prostituição travesti inacessíveis para mim enquanto pesquisadora mulher (cisgênero), estrangeira e portadora de privilégios como minha educação, classe social ou gênero que tornavam mais desigual e difícil o meu relacionamento com as travestis trabalhadoras do sexo da cidade.

A idade das travestis que entrevistei variou entre 23 e 65 anos, sendo a grande maioria jovens travestis provenientes dos estratos populares das regiões norte e nordeste do país e que se dedicavam exclusivamente ao trabalho sexual. Foram elas também que tinham um nível muito baixo de instrução, enquanto aquelas que eu chamo da “primeira geração” – travestis de mais de 55 anos, que viajaram para a Europa na década dos 1970s e enfrentaram maiores dificuldades para expôr publicamente suas expressões de gênero sob o regime militar brasileiro (FIGARI, 2009; GREEN, 1999) – tiveram a oportunidade de estudar antes de iniciar suas transformações corporais e atualmente trabalham como cabelereiras ou artistas nos palcos dos poucos teatros de revistas que ainda existem nas cidades como Rio de Janeiro. Embora eu reconheça que não há uma maneira única de tornar-se travesti – pesquisador@s brasileir@s usam a expressão *travestilidades* para assinalar, precisamente, a grande diversidade nesta população (DUQUE, 2011;

² Todos os nomes utilizados são fictícios – inclusive das personalidades públicas – para manter o anonimato das participantes.

PELÚCIO, 2009; PERES, 2005; SILVA e ORNAT, 2014) – e que conheci algumas ativistas travestis e pessoas trans (algumas se reconheciam como transexuais)³ que nunca tinham trabalhado no campo sexual, a maior parte de minhas participantes eram travestis trabalhadoras do sexo de rua e o presente artigo aborda suas experiências.

Desfazendo algumas idéias

A maioria da literatura sobre prostituição centra-se exclusivamente nas mulheres cisgênero trabalhadoras do sexo.⁴ O lobby abolicionista contribuiu para definir a prostituição em termos de violência masculina, colocando assim à mulher “prostituta” como a vítima central para ser “salva”. Empiricamente, se diz que “o foco nas mulheres tende a ser justificado (se for justificado), alegando que ‘a grande maioria’ das trabalhadoras do sexo são mulheres” (SMITH, 2012, p. 590, ressaltado no original).⁵ Ao mesmo tempo, nas representações dominantes, os homens cisgênero são considerados clientes sexualmente ameaçadores ou proxenetas e traficantes que enganam as mulheres “inocentes” (MATTHEWS, 2008). Portanto, e mesmo além dos discursos abolicionistas, a diversidade entre profissionais do sexo é subestimada e lida através de uma “matriz heterossexual” (BUTLER, 1990) onde as trabalhadoras

³ Utilizo a expressão “trans” como um termo amplo para incluir diferentes denominações como travestis, transexuais, transformistas ou transgêneros, entre outras.

⁴ Ao longo do artigo, utilizo tanto a expressão “trabalho sexual” como “prostituição” para referir-me a uma forma de trabalho geradora de renda. Não adiro a uma posição abolicionista ao empregar “prostituição” pois denota uma atividade em que serviços sexuais são oferecidos em troca de dinheiro. Contudo, me refiro exclusivamente às “trabalhadoras do sexo” para evitar o estigma associado à categoria “prostituta” e apoio às mobilizações das profissionais do sexo na luta por seus direitos (KEMPADOO e DOEZEMA, 1998). No entanto, vale a pena reconhecer que algumas organizações políticas, acadêmicas e ativistas na América Latina usam também “prostituta” na “tentativa de redefinir esse termo” (SILVA e ORNAT, 2016, p. 331).

⁵ As traduções do inglês e do espanhol são minhas.

do sexo e os clientes são assumid@s como mulheres e homens (cis) heterossexuais, respectivamente. A falta de inclusão de homens e trans trabalhador@s do sexo em agendas de pesquisa e políticas públicas é bastante evidente (SMITH e LAING, 2012; PITCHER e WIJERS, 2014). Embora algumas contribuições relevantes se concentrem em homens (cis) profissionais do sexo (AGGLETON, 1999; BARRETO et al., 2013; PADILLA, 2007; PERLONGHER, 2008 [1987]; WHOWELL, 2010; entre outr@s), as mulheres trans trabalhadoras do sexo permanecem quase ignoradas (com algumas importantes exceções, sobretudo no contexto brasileiro, como BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2011; KULICK, 1998; OCHOA, 2014; PELÚCIO, 2005, 2009; SILVA, 2007; entre outr@s).⁶

Meu objetivo é contribuir ao fortalecimento dos estudos sobre as pessoas trans e o trabalho sexual através da visibilidade das experiências das travestis trabalhadoras do sexo desde a própria visão das participantes que, na maior parte das vezes, mantêm um discurso que as empodera diante do trabalho sexual e das permanentes modificações corporais para sentirem-se belas⁷ travestis e reclamarem, assim, um certo reconhecimento (ainda que finito). Ao mesmo tempo, o artigo também assume uma perspectiva crítica para essas narrativas trans que são apresentadas como discursos dominantes, ou seja, ocidentais, brancos e de classe média. Muitos estudos têm questionado a influência do “bloco hegemônico dos Estados Unidos” na produção de pesquisas ao analisar as experiências trans (NOBLE, 2011, p. 263). Assim, alguns sujeitos trans são considerados como “mais corretos” e com mais legitimidade do que outros (IRVING, 2008). Por exemplo, Skidmore (2011) examina como as narrativas da “boa transexual” foram encarnadas por

⁶ Os homens trans trabalhadores do sexo permanecem completamente invisibilizados e quase não há pesquisas sobre eles (ver YOUNG, 2015).

⁷ Sigo a abordagem de Moreno Figueroa (2013) sobre o que a beleza *faz*, e não o que é a beleza, ao analisar como ela é experimentada pelos sujeitos. Neste sentido, a beleza travesti pode ser pensada como um sentimento que só existe em seu *fazer* contínuo e através de sua interação relacional com o gênero, a raça, a classe, ou o envelhecimento.

personalidades tão mediáticas como Christine Jorgensen e construídas como hegemônicas pelo poder institucional da feminilidade branca, heterossexual e de classe média nos Estados Unidos em meados do século XX. Jorgensen encarnou “corretamente” o que era esperado de uma mulher em sua sociedade. Os corpos trans são, portanto, regulados e disciplinados de acordo com as estruturas dominantes que tornam alguns sujeitos trans mais aceitáveis do que outros.

O conceito-metáfora de “necropolíticas *queer*” é muito útil para analisar a “co-presença simbiótica da vida e da morte” (HARI-TAWORN et al., 2014, p. 2) em que alguns corpos (trans, *queer*) são promovidos para viver, enquanto outros são deixados para morrer. Da mesma maneira, Butler (2004) descreve que algumas vidas *queer* não são lamentáveis e enquanto “indesejáveis” são deixadas a morrer. Bailey (2011) descreve as *performances* estratégicas que os membros de uma comunidade negra e *queer* estadunidense empregam nos salões de baile para “desmarcar-se como sujeitos com gênero e sexualidades não-conformativas” (p. 366). Seus interlocutor@s sabem que podem ser mais facilmente espancad@s, atacad@s ou mesmo assassinad@s com impunidade enquanto pessoas *queer*, negras e da classe trabalhadora. Sentir-se segur@ e ser visível no espaço público são privilégios que muitas pessoas trans não podem ter. Portanto, “passar” (como pessoa não-trans) ou ajustar-se à “realidade” para estar menos “marcados” (ou seja, estigmatizados, segundo GOFFMAN, 1988) pela cor da pele ou origem social, são estratégias usadas para minimizar e evitar a violência e a discriminação racial, de classe, de gênero ou sexual.

No Brasil, a marginalidade, a violência, a transfobia e a discriminação determinam o dia a dia de muitas travestis, sobretudo se são pobres ou trabalhadoras do sexo e que devem equilibrar-se constantemente na delgada linha que separa a vida da morte. Como elas estão fora de qualquer inteligibilidade porque não seguem uma linearidade “coerente” entre sexo, gênero e desejo, sua humanidade está sendo negada continuamente. As travestis são consideradas *viados* por uma sociedade heteronormativa e rígida como a brasileira (GREEN, 1999;

PARKER, 1991) que acredita que ofendem os homens “reais”, tornando seus corpos femininos, ao desejarem *outros* homens e ao manter sua genitalidade. Desta forma, as travestis *devem* ser submetidas, punidas, corrigidas ou mesmo eliminadas (CABRAL et al., 2013). De acordo com o projeto Transgender Europe, o Brasil – com 938 casos – tem a maior taxa de homicídios registrados de pessoas trans em 69 países em todo o mundo de 1º de janeiro de 2008 ao 31 de dezembro de 2016 (TGEU, 2017). Assim, as travestis são alvo de violência e morte, ao mesmo tempo que são excluídas de uma “produtividade neoliberal” (EDELMAN, 2014, p. 183), com quase nenhuma chance de encontrar emprego fora do trabalho sexual.

Não obstante, e como vamos indagar, é através do trabalho sexual que a maioria das participantes obtêm não só benefícios econômicos, mas também sociais e simbólicos com seu trabalho, construindo-se como pessoas inteligíveis e desejadas. Por conseguinte, o trabalho sexual também pode ser lido como um espaço de empoderamento – e para muitas, o único espaço – onde as travestis podem desenvolver autoconfiança e autoestima ao verem seus corpos admirados e desejados em um contexto social caracterizado, paradoxalmente, por uma grande marginalização e violência. Finalmente, este artigo deve ser lido como uma forma de abordar outras narrativas fora dos parâmetros convencionais da “boa transexual”. Está, pois, localizado nas margens de uma maneira “correta” de compreender as subjetividades trans, isto é, principalmente como pessoas brancas e de classe média. Considerarei uma abordagem interseccional para interrogar como a raça, a classe social, o gênero ou a sexualidade influenciam as representações discursivas e corporais das travestis que participam desta pesquisa.

As diversas percepções do trabalho sexual

As idades, nível de educação, procedência e trajetórias vitais das participantes são muito diferentes e, conseqüentemente, também divergem suas percepções e experiências diante ao trabalho sexual. Entre as travestis a quem eu chamo da “primeira geração”, com mais

recursos econômicos e sociais, o trabalho sexual é entendido em termos negativos e está associado à marginalidade e à delinquência. As travestis (algumas se identificam como transexuais ou transformistas) de mais idade constroem um discurso que as diferencia das “outras”, ou seja, as novas gerações de travestis que, segundo elas, são “marginais” e roubam os clientes. Por exemplo, Regina, reconhecida atriz de teatro e televisão, foi uma das primeiras a trabalhar no emblemático *Le Carrousel* de Paris no fim dos anos 1960s e foi uma das poucas que nunca trabalhou no âmbito sexual, diz que: “não tenho nada contra a prostituição mas não roube, não mate, não faça aquelas coisas que degradam tanto, sem vergonha, como no caso do Ronaldinho [o escândalo do jogador de futebol Ronaldo (ver SIMPSON, 2008)] com aquela Andréia. Coisa ridícula, coisa podre” (Regina, 65 anos). Por outro lado, Lina se considera a primeira travesti que trabalhou como cabelereira no Rio de Janeiro e, no momento da entrevista, combinava esta atividade com suas apresentações como artista nos shows que ainda existem na cidade e lembra dos melhores anos dos espetáculos de revista. Segundo ela:

artista com prostituição não existe. Palco é palco, rua é rua. (...) Da prostituição não vai chegar a nada, chegar ao que? Um dia ser assassinada, ou pegar uma doença, ou serem enforcadas, passar constrangimentos... Eu acho uma profissão que tem que ter coragem, né? acho uma profissão corajosa e não chega a nada. O artista chega a algum lugar, né? eu já cheguei a algum lugar. (...) pelo menos eu mostro que eu sou diferente, sou uma artista, se vê que não sou marginal, que travesti também pode ser cabelereira, conviver com a família, pode sair vestida de mulher na rua e não chocar.

Lina, 62 anos

As distinções que Lina e Regina estabelecem com as “outras” travestis que são percebidas como “marginais” e “sem futuro”, permitem construir um “nós” com as memórias dos melhores anos dos shows

teatrais, suas viagens para a Europa, a admiração que os homens e as mulheres tinham por elas e o glamour que cercou as suas vidas. Como Lina também enfatiza: “hoje travesti virou símbolo de prostituição mesmo. Então as últimas fomos nós. (...) minha geração foi a geração dos artistas e do talento mesmo, do glamour, né que já terminou”.

Outras travestis da “primeira geração”, como Bibi e Cristina que trabalham também no campo do espetáculo no Rio, reconhecem que foram para Europa no fim dos anos 1970s como trabalhadoras sexuais, mas que foi um trabalho feito por “necessidade” e, mesmo que não gostassem, ganhavam muito dinheiro. Cristina lembra seu passado em Paris e diz:

eu nunca tinha feito a prostituição até aquela época porque eu trabalhava em show e eu não tinha ainda experiência de trabalhar. Mas elas convenceram-me, estava sem dinheiro quando cheguei em (sic) Paris. (...) mas [o trabalho sexual] dava dinheiro e realmente eu nunca tinha visto tanto na minha vida, eu ganhei numa semana [rindo] o que eu nunca ia ganhar num ano, entendeu? Então, tudo bem. Mas eu não me adaptei não pela questão da prostituição, seja bem dito, eu não me adaptei pela questão das próprias pessoas, das próprias travestis, porque era muita guerra umas com as outras, muita inveja, muito problema, muito problema de inveja, de muita coisa, muita coisa envolvida, muita colocação...

Cristina, 57 anos

Bibi também diz que teve que se dedicar ao trabalho sexual por uma necessidade econômica, mas que sua prostituição foi “honesta e digna”, tomando assim distância dum ambiente que ela considera negativo. Ela morou muitos anos em Barcelona, e com seu quase perfeito espanhol explicava que:

Pero fui obligada a hacerlo [a prostituirse], fui obligada para no me morir de hambre. Porque infelizmente los espectáculos lo

que pagan é uma miséria, para todo el mundo es igual, ellas trabajan más por amor al arte do que otra cosa. Então está muito desvalorizado o espectáculo de travesti, de transformista, pagan muito poco para lo que gastamos. Entonces tuve que recurrir a la prostitución pero, cuidado, mi prostitución fue honesta y digna. Yo no me perdí por segundos y terceros, no fui para malas compañías ni para bajo fondo ni nada, nunca me mezclé no mundo de las drogas, de las porquerías, de mafia ni nada de eso. No, mi prostitución fue para mí sobrevivir, nunca tuve chulos [proxenetas] ni nada de esas cosas.

Bibi, 63 anos

A partir da segunda metade dos anos 1970s, a Europa foi de grande importância para um número significativo de travestis desejosas de ganhar dinheiro no campo sexual e fugir de um ambiente opressivo e de grande perseguição sob o regime militar. O Brasil começou a “exportar” travestis, principalmente para Paris (GREEN, 1999; HUTTA e BALZER, 2013; VALE, 2005). As poucas travestis que sobreviveram a essa época de grandes excessos tiveram que “ter cabeça” – segundo o termo empregado pelas próprias travestis – para afastar-se das drogas, dos conflitos com outras companheiras e das más companhias como as participantes têm descrito. Contudo, tendo em conta que a expectativa de vida das pessoas trans é de 35 anos no Brasil (BORTONI, 2017), ter mais de 50 anos tem muito mérito por ser parte de uma população que é mais vulnerável à infecção pelo HIV, à violência e às complicações (mortais) com o silicone líquido industrial que por anos tem constituído a principal maneira de feminizar seus corpos. Ao mesmo tempo, a discriminação é maior contra elas e geralmente sofrem pela falta de apoio familiar, social, jurídico e de saúde (EDELMAN, 2014; PADILLA et al., 2016).

Martine é uma famosa cabelereira e escritora mineira que se identifica como transexual e, embora nunca tenha trabalhado como profissional do sexo, foi testemunha do que estava a acontecer na

cena trans carioca desde o fim dos anos 1960s. Segundo ela, as que trabalham na prostituição

são escravas, agora estão trabalhando para alguém, elas são levadas, a pessoa paga a passagem dela, vivem na prostituição, exploram elas, poucas se livram da máfia. E naquela época [nos primeiros anos em Paris] não, elas iam sozinhas, por si só, elas eram donas de si. Hoje não, hoje é máfia.

Martine, 60 anos

Para as participantes da “primeira geração”, por conseguinte, a prostituição é vista em termos negativos, a partir de um discurso moralista que divide fortemente um “nós” – honrado, de artistas independentes e glamourosas – de um “elas” – vinculadas à marginalidade, às drogas, à máfia e à morte. Embora algumas tenham sido forçadas (pelas circunstâncias)⁸ a trabalhar como profissionais do sexo, asseguram que sua prostituição foi “digna” e tomaram distância de qualquer relação nociva com ela. Neste sentido, ao se apresentarem como “boas travestis/transsexuais” reforçam um discurso de respeitabilidade onde elas são construídas como sujeitos trans mais “corretos” e “aceitáveis”, enquanto as “outras” encarnam uma ameaça “real” à heteronormatividade. Ao pensar nas políticas da vida e da morte (necropolíticas *queer*), a desapareição e morte destas “outras-não domesticadas” tornam a vida mais segura para as outras pessoas trans que identificam-se como sendo mais

⁸ Geralmente, as travestis não se apresentam como “vítimas” da exploração sexual para dar sentido às suas experiências na prostituição. Muitas delas utilizam um sistema de *ajudas* (termo emic), isto é, empréstimos que são acrescentados enormemente a favor d@s empregador@s para seus deslocamentos (trans)nacionais para trabalhar no âmbito sexual. Sem embargo, a grande maioria das travestis que formam parte destes circuitos onde, às vezes, se emprega a violência para intimidar as devedoras, não se sentem “exploradas” e reconhecem que este é o único meio para chegar, por exemplo, à Europa (PISCITELLI, 2008; TEIXEIRA, 2008).

“legítimas” de direitos (AIZURA, 2014). Também temos que considerar que a grande maioria desta “primeira geração” de travestis possui um bem-estar econômico, formam parte da classe média brasileira e identificam-se, geralmente, como pessoas “brancas”. Embora cada vez mais existam novas gerações de travestis que tenham apoio familiar, vão à universidade, procedam das camadas médias da sociedade e tenham outros recursos para trabalhar em âmbitos diferentes da prostituição, ainda são vistas como exceções e não representam as participantes desta pesquisa. As travestis “outras-não domesticadas” que conheci provinham das camadas populares, identificavam-se como “morenas”, “mulatas” ou “brancas”, tinham um nível muito baixo de educação e todas dedicavam-se em exclusividade ao trabalho sexual.

Por sua vez, as mais novas – embora respeitem e reconheçam as habilidades artísticas das travestis da “primeira geração” – não gostam do desprezo explícito em relação a elas e do fato de que aquelas que não trabalham como profissionais do sexo se sintam “melhores” que as travestis que têm que *batalhar* na rua para sobreviver. Keila, de 23 anos, diz que “toda travesti atravessa a prostituição, mesmo que seja uma médica. Ela sempre será tratada como uma prostituta” (Notas de campo, 2 setembro 2008). A sociedade dá pouco espaço para que as travestis possam ter outras opções laborais e, portanto, a associação travesti-prostituição é muito grande. Segundo Martine (60 anos): “O brasileiro não está habituado com travesti fora das ruas. Igual ao negro, eles querem que ele vá para a cozinha. Travesti é para a rua, para a prostituição. Você está entendendo? Preconceito e hipocrisia”. Neste sentido, Martine conclui que “eu não me orgulho de ser parada num aeroporto para saber se eu sou mais uma brasileira que vai se prostituir”, ao referir-se às travestis que vão à Europa para trabalhar. O peso do estigma parece ser contundente.

Portanto, tendo em conta a falta de oportunidades e a grande discriminação que travestis experimentam em contextos heteronormativos, o trabalho sexual é a principal atividade que as novas gerações de travestis utilizam como fonte de ingressos econômicos. Mesmo que,

como já foi dito anteriormente, seja inegável que nos últimos anos as mais jovens tenham tido mais oportunidades de viver suas vidas como travestis (DUQUE, 2011) e os movimentos políticos sejam mais numerosos no Brasil para lutar pelo acesso aos direitos básicos, como a saúde ou a educação, e mais políticas públicas estejam sendo implementadas para melhorar a vida das pessoas trans, ainda há muito caminho por recorrer. É uma realidade, como Lina sintetiza muito bem, que:

ninguém dá emprego para travesti, você sabe muito bem que travesti não tem emprego. Você vai ser cabelereiro e mesmo assim vai ter uma dificuldade para trabalhar em certos lugares, a gente não aceita ainda, ou então você vai ser prostituta. Eu não vejo travesti trabalhando num banco ou em algum cargo maravilhoso, não vejo. Vejo travestis que estão se prostituindo e vivendo muito mal. Poucos vivem bem, os que vivem bem são da minha época porque começaram como homens, fizeram a vida, compraram seus apartamentos, viveram numa época com mais facilidade para isso, para shows na Europa.

Lina, 62 anos

Nos anos 1970s, aquelas pessoas que viajaram para Europa para trabalhar no âmbito sexual tiveram tanto sucesso que, segundo Pedro – empresário que possuía um clube/cabaré que promovia shows e concursos de beleza para travestis no Rio – suas amigas travestis trabalhavam entre nove e dez meses ao ano em Paris e voltavam ao Brasil com muito dinheiro: “teve uma que trouxe 100.000 dólares, mas na época 100.000 dólares eram 4 apartamentos”, lembrava. Desta maneira, muitas delas conseguiram assegurar uma sólida estrutura econômica que profissionais de sexo atuais dificilmente conseguem atingir na Europa (devido à grande concorrência no mercado do sexo, à crise econômica europeia, às restrições públicas ao trabalho sexual de rua, entre outros fatores estruturais). Mas mesmo assim, e embora os contextos (trans)nacionais da prostituição e os ganhos tenham mudado, o trabalho sexual continua

a ter grande importância nas experiências de vida para a grande maioria das travestis entrevistadas. Para as mais novas, com menos apoio familiar e educação que Lina e outras travestis/transsexuais de classe média, a prostituição se converte num “refúgio” onde começa a construção de suas identidades e, ao mesmo tempo, onde a vida é ganha.

Não obstante, apesar da pobreza, da marginalidade e da discriminação que condicionam a estreita relação travesti-trabalho sexual, esta atividade não é vista pelas participantes desta pesquisa como uma “fatalidade” nem escolhida só por suas vantagens econômicas. Como outros estudos já têm apontado (BENEDETTI, 2005; KULICK, 1998), o trabalho sexual é também o espaço de construção e aprendizagem da feminilidade travesti e de reafirmação de suas transformações corporais. É neste espaço onde podem socializar com outras travestis, aprendem a se maquiagem e a vestir-se “adequadamente”, descobrem as técnicas para transformar e feminizar seus corpos, se sentem admiradas e desejadas por seus clientes, amantes e possíveis futuros maridos. Em outras palavras, o gênero das travestis é principalmente aprendido e examinado através do trabalho sexual. Segundo Samanta: “foi daí que eu me transformei no que eu sou hoje, se não fosse pela prostituição, eu não seria a Samanta que eu sou hoje” (27 anos).

A prostituição é um dos poucos âmbitos onde as variantes sexuais e de gênero são aceitas e as travestis, diferentemente do que ocorre nos espaços heteronormativos como a família ou a escola, podem ser elas mesmas e não esconder o que são ou fazem. A ativista transexual espanhola Beatriz Espejo (2008, p. 133) reconhece que:

muitas transexuais encontram legitimidade e realização pessoal através da avaliação econômica e real que os homens demonstram para elas, um reforço que elas não encontram em outras áreas sociais nas quais anteriormente foram desprezadas.

Portanto, estou interessada em destacar os efeitos produtivos desta atividade e evitar um enfoque vitimista. Embora eu tenha conhecido

algumas travestis que não gostavam do trabalho e só *batalhavam* por “necessidade”, como tantas pessoas com outros trabalhos diferentes à prostituição, a maior parte das participantes achavam que sem a prostituição não teriam conseguido tornar-se travestis e fugir de um contexto familiar opressor para começar uma nova vida, um “renascer” como travestis. Por isto, muitas falam da profissão desta maneira:

Eu tiro o sustento de minha vida com a prostituição, prostituição é o meu trabalho, é uma coisa muito séria, eu falo com muito respeito do meu trabalho porque eu amo meu trabalho, então é muito sério, não é brincadeira, não é uma coisa que se resolve... “Oi, vamos nos prostituir!”, não, é muito sério, é uma coisa que merece muito respeito...

Reyna, 50 anos

Para eu sair de casa tive que me prostituir. Aí já cai na pista da prostituição, comecei a ganhar dinheiro, aluguei um quarto e comecei a comprar as coisinhas, sabe? Daí para cá fui crescendo.

Roberta, 28 anos

O fato de “amar” este trabalho está também relacionado, em muitos casos, com ter prazer. Homens jovens e atrativos, conforme os ideais estéticos das travestis, que performam sexual e socialmente o rol de “machos” são muito desejados pelas travestis. Embora haja travestis que sintam-se atraídas por outras travestis ou mulheres (cis), a maior proporção das participantes gosta dos homens (cis) e desfrutam sendo penetradas por eles. Consequentemente, e como trabalhadoras do sexo, elas têm a oportunidade –às vezes a única oportunidade – de exibir seus corpos a clientes e possíveis amantes ou maridos, e se sentir femininas, bonitas e desejadas. Neste sentido, a autoestima é reforçada e o trabalho sexual se torna o principal mediador de seus relacionamentos amorosos. Viviana (24 anos), por exemplo, contava que “Os clientes me dizem que eu sou bonita e, além disso, eles me pagam” (Notas de campo, 11 agosto

2008). Assim, o prazer, ao lado da capacidade de se sentir desejadas, permite que elas vivam a prostituição como um lugar ideal onde performar e exibir as suas formas de entender a feminilidade, tornando esta atividade uma experiência importante ao longo de suas vidas.

Finalmente, o trabalho sexual é – paradoxalmente – também o território que as travestis associam mais à violência e à morte. Em um estudo com travestis que vivem na cidade de Ponta Grossa, Cabral et al. (2013) observam que quase a metade das entrevistadas veem o trabalho sexual em termos de violência (física, sexual ou psicológica). Elas também relacionam a prostituição com a vulnerabilidade, o medo e a morte. As travestis tem mais chances de ser atacadas enquanto trabalham como profissionais do sexo: a rua é o território que mais as representa mas é também onde elas são mais perigosamente visíveis. Em outras palavras, embora as esquinas “recebam” às travestis e permitam que sejam elas próprias e possam “ter a sensação de pertencer a algum lugar” (PELÚCIO, 2009, p. 70), a violência está também letalmente presente, e a frágil linha que separa o desejo do ódio, e a vida da morte, estrutura a cotidianidade travesti. Na próxima seção, exploramos como seus corpos e a importância da beleza desempenham um papel relevante na vida destas profissionais do sexo.

À procura da beleza

No trabalho sexual, independentemente do gênero das pessoas, a aparência é muito importante e as travestis sabem que têm que investir e “melhorar” constantemente seus corpos, isto é, ficarem mais femininas para se sentirem bonitas e serem escolhidas pelos clientes. A concorrência é muito grande e um corpo que se destaque positivamente sobre os outros vai significar mais ganhos para quem seja escolhida. Segundo algumas das participantes:

nós temos um corpo mais bonito porque a gente trabalha na rua e procura mais ficar melhor, botar mais corpo, ficar com corpo bonito, procura se cuidar mais. Eu acredito nisso que a

gente tem que passar aquela imagem boa para os homens, tem que estar bem para eles. Então eu acho que a gente se cuida mais, está melhor.

Samanta, 27 anos

No trabalho se você não tem um corpo bonito, você não vai trabalhar. (...) Em nosso trabalho tudo o que você investe em você é recompensado. O visual, a aparência, o rosto bem feito, na unha, a pele bem tratada... chama a atenção.

Keyla, 23 anos

Quando a gente está na pista, está ganhando dinheiro mas está investindo na gente, está ficando bonita então ela passa a se valorizar mais. Porque uma bicha feia não ganha dinheiro na rua, a travesti feia na rua não vai ganhar dinheiro. O pouquinho que ela vai ganhar tem que ir juntando para ficar bonita, depois que ela fica bonita aí ela vai conseguir as coisas dela: comprar seu carro, juntar na sua conta bancária, fazer mais plásticas, entendeu?, que a idade também vai chegando.

Roberta, 28 anos

A beleza, como se fosse uma “mercadoria”, é muito desejada entre as travestis e com dinheiro, dedicação e sacrifício acreditam que qualquer uma pode se sentir bela (e obtê-la). As travestis consideram que só as mulheres (cis) podem nascer *naturalmente* belas, mas elas têm que “lutar contra a natureza”, segundo seus termos, para atingir os corpos desejados. A ingestão de hormônios, o “bombeio” do silicone líquido industrial e, as que conseguem pagar seus altos preços, as cirurgias plásticas são as principais práticas que as travestis utilizam para feminizar seus corpos e ficar, assim, mais perto da “perfeição”. Como Reyna (50 anos) expressa:

Porque a missão da travesti ela é impossível, ela é uma missão impossível que é a busca da perfeição. Ninguém é perfeito, nem homem nem mulher é perfeito, mas a gente chega bem perto da perfeição tanto que nós nos transformamos em mulheres que não existem, existem na fantasia das pessoas.

Na procura de atingir a “perfeição” através da beleza e de tornarem seus corpos mais femininos, as travestis trabalhadoras do sexo reconhecem que os clientes se converteram em grandes experts na hora de distinguir os corpos que são femininos “demais” e que comprometem – por causa dos hormônios – a libido das travestis. Desta maneira, tendo em conta que uma grande proporção de travestis são procuradas no mercado do sexo para “comer” os clientes, elas têm que regular a ingestão de hormônios para que seus rendimentos como profissionais do sexo não fiquem afetados. Contudo, uma mínima estética feminina é requerida para atrair os clientes e, assim, eles não acreditarem que estão com *outros* homens. Como Cristina (57 anos) assegura: “o cliente não gosta de estar na cama com outro homem, se você estiver vestido de homem ele não vai pra cama com você. Ele tem que ver alguma coisa de feminino, de mulher, porque eles querem acreditar que eles não são homossexuais”. Portanto, é com o uso extendido do silicone que as trabalhadoras do sexo acharam a melhor forma de feminizar seus corpos e evitar assim os efeitos colaterais dos hormônios.

Não obstante, uma das *bombadeiras*⁹ que conheci no Rio de Janeiro reclama sobre aquelas travestis que só pensam em agradar aos clientes através de seus corpos:

elas se estragam porque os clientes só querem [elas] por uma hora, não querem para andar com elas de dia. Então elas estão agradando ao cliente mas eles não vão reconhecê-las na rua.

⁹ Pessoa que “bombeia” o silicone industrial nos corpos das travestis e que, geralmente, é uma outra travesti.

Então é onde elas têm que pensar que elas têm que ter um corpo para viver o dia a dia, não um corpo para uma hora.

Alessandra, 45 anos

Quando Alessandra fala de “estragar” os corpos, refere-se ao fato de que aquelas que estão mais insatisfeitas com os resultados do trabalho sexual são aquelas que mais querem submeter-se a repetidas sessões de injeções de silicone e/ou de cirurgias plásticas. Alessandra também relata que: “A prostituição faz a insegurança por conta da própria rua, porque se uma tem uma bunda um pouquinho grande ela quer botar uma maior porque ela acha que aquele homem sai com a outra porque [sua bunda] é um pouco maior”. Essas mudanças físicas lhes conferem uma segurança que, de fato, é finita. Como Alessandra mencionou, depois de três dias ou uma semana sem trabalhar, eles querem botar mais silicone porque acreditam que irão ganhar dinheiro novamente. Para muitas, é difícil reconhecer que esses períodos sem trabalho são fases que as pessoas atravessam quando trabalham na indústria do sexo. Ao mesmo tempo, a busca da “perfeição” torna-se um objetivo inalcançável para qualquer pessoa e isto gera uma insatisfação constante em muitas travestis, que sempre vão encontrar alguma imperfeição para “corrigir” em seus corpos.

Aquelas (poucas) travestis/transexuais que nunca botaram silicone (nem querem botar) criticam os corpos que ficam “arruinados” por causa do silicone e falam do “grande mal” que tem feito às travestis

ao longo dos anos.¹⁰ Regina, por exemplo, diz que ela nunca introduziu silicone em seu corpo porque acredita, com desprezo, que é uma prática associada àquelas que se dedicam à prostituição e que não pensam nas possíveis consequências fatais do silicone. Ela acredita que o uso de silicone é uma questão de classe (baixa) e de falta de objetivos na vida. Hoje, as travestis mais jovens que têm mais redes familiares e sociais, melhor educação e mais chances de não se envolverem na prostituição, presumivelmente não precisam modificar seus corpos com “bombeios” de silicone. No entanto, todas as travestis mais jovens que conheci durante a pesquisa eram profissionais do sexo, e todas elas, mais cedo ou mais tarde, começaram a moldar seus corpos com silicone, mas, em geral, seguindo formas corporais que podem ser lidas como mais “naturais” e menos “exuberantes” comparadas às travestis da “primeira geração” que fizeram seus corpos na época dourada das travestis em Paris. O sucesso do silicone tem a ver com seus baixos custos, com a rapidez com que os corpos podem ser modificados e como a obtenção de um corpo desenhado com as proporções desejadas que, segundo elas, é impossível obter com os implantes utilizados nas cirurgias plásticas.

No entanto, considero que é muito limitante pensar no embelezamento das travestis trabalhadoras do sexo unicamente como estratégia para obter clientes seguindo uma racionalidade exclusivamente econômica. Como já se expressou, a procura da beleza não pode ser pensada independentemente de construção das travestis como sujeitos inteligíveis e desejáveis, isto é, e desfazendo uma leitura heteronorma-

¹⁰ Os perigos da aplicação de silicone são numerosos. Infecções, necrose da pele e do músculo, e obstruções dos vasos sanguíneos (trombose) podem levar à morte. Também seria fatal se o silicone injetado nos seios atingisse um pulmão. Durante o meu trabalho de campo, o principal problema que notei foi que o silicone havia migrado, descendo para partes do corpo onde não deveria ficar. Por exemplo, o silicone injetado nas pernas pode descer para os pés e os tornozelos, deixando-os deformados e tornando-se doloroso e difícil de colocar os sapatos, caminhar ou ficar parado por muitas horas para trabalhar na rua.

tiva, o olhar dos outros (homens) não deve ser analisado como um sinônimo de opressão, mas sim como uma manifestação que torna as travestis pessoas legíveis, bonitas e desejadas. E a prostituição é geradora do cenário propício que contribui para esse tornar-se travesti que as situa, embora precariamente, no mundo. Mesmo quando são “belas” travestis, a sociedade segue discriminando e estigmatizando-as como “sujeitos não desejáveis” que, em última instância, “merecem” morrer. Mas para muitas travestis, se assumir como “belas” travestis é um ato de empoderamento que muda radicalmente suas vidas:

S: depois que me transformei em travesti eu acho que a discriminação é maior. A sociedade é muito hipócrita com a travesti, as portas se fecham muito para a gente quando se transforma.

J: Como gay estava mais aceita?

S: A sociedade achava melhor mas não para mim. Então, fodase a sociedade, não devo nada para a sociedade, eu dou minhas costas. Então, eu como travesti me sinto muito melhor, agora para a sociedade, eu acho que a sociedade me queria como gay, como homem. Eu sou corajosa a ponto de me assumir, de me revelar e encarar a sociedade de saia.

Samanta, 27 anos

Muda, a vida de todas nós muda, troca porque a família, as pessoas, os amigos, tudo, tudo muda. A família passa a te tratar de um outro jeito, os amigos passam a te olhar com outro jeito, os amigos homens passam a te admirar, passam a quer ficar com você, as amigas mulheres te admiram e passam a te chamar de bonita, ficam querendo ficar igual a você. A família no começo não aceita mas depois passa a aceitar.

Roberta, 28 anos

Eu, sinceramente, entre ser uma mulher simples e uma travesti que todo o mundo veja que é uma travesti, uma boneca,¹¹ prefiro ser uma boneca, uma travesti, não quero passar por mulher não, ser despercebida, não, absolutamente não. Eu quero sucesso mesmo, eu quero ser uma travesti gostosona, poderosa: “Olha, ela está chagando aí, olha que peito, que bunda, que corpo, ah, gostosa”. Eu quero passar por um homem e o homem falar para mim assim: “Vai gostosa!”

Reyna, 50 anos

A beleza, contudo, é finita e o “sucesso” imediato das travestis como profissionais do sexo pode mudar drasticamente ao longo dos anos. O outro lado de suas histórias de embelezamento e empoderamento é o envelhecimento. Blanchette e Silva (2011) descrevem que a idade cria uma grande pressão sobre as pessoas cujo principal campo ocupacional valoriza a juventude, como o trabalho sexual. Os autores trabalham com mulheres (não trans) trabalhadoras do sexo no Rio de Janeiro onde uma mulher mais velha que tem que competir com profissionais do sexo mais jovens deve trabalhar mais tempo ou se mudar para locais menos exclusivos (onde os serviços oferecidos são mais baratos) para manter sua renda. No caso das travestis, elas também são vistas como menos atraentes quando envelhecem (GARCIA e LEHMAN, 2011). Siqueira (2004) e Antunes e Mercadante (2011) examinam as

¹¹ “Boneca” era uma expressão muito comum que se utilizava nas décadas passadas para falar das travestis. Mais precisamente, ao analisar o concurso de beleza trans (Miss T Brasil) realizado no Rio de Janeiro (2012-15), Silva Junior (2017) descreve como o concurso Miss Boneca Pop (1974-76) foi usado como inspiração para a atual Miss T Brasil a fim de obter mais legitimidade e visibilidade ao reforçar um discurso politizado em torno da “cultura trans”. Segundo uma de seus participantes, na década de 1970 a palavra “boneca” era muito popular para se referir a gays e travestis efeminados. Como a categoria “travesti” começou a ser usada de forma pejorativa, “boneca” foi a opção escolhida para se referir aos vários shows e concursos de beleza naqueles tempos.

experiências das travestis brasileiras na velhice. Revelam que aquelas que podem “sobreviver” tornam-se ainda mais invisíveis na sociedade e entre as próprias travestis que não valorizam o envelhecimento. Às travestis é quase negada a possibilidade de envelhecer porque, segundo os autores, quando alguma delas envelhece, se veste como “homens” na tentativa de obter melhores chances na vida. Elas encarnam muitos preconceitos ao longo de suas vidas e as travestis que não conseguiram poupar ou ter uma segurança econômica terão uma velhice menos digna. Ao trabalhar, as travestis se sentem úteis, produtivas e, conseqüentemente, jovens e bonitas (ANTUNES e MERCADANTE, 2011). Para as travestis mais velhas, também é muito difícil tentar mudar sua atividade. Garcia e Lehman (2011, p. 1217) contam que, ao contrário das mulheres (não trans) trabalhadoras sexuais que podem “esconder” sua profissão anterior ou atual, “a travesti não pode por causa das transformações corporais facilmente identificadas que a estigmatizam”. Portanto, considerando o estigma, a solidão e as grandes dificuldades que algumas travestis experimentam quando envelhecem, é mais fácil entender como as participantes da “primeira geração” apoiavam-se nas memórias de seus melhores anos como artistas ou profissionais do sexo na Europa para dar maior significado ao seu presente. Finalmente, as travestis sabem que elas têm que tirar proveito do trabalho sexual quando ainda são jovens e a ideia de ir para a Europa é baseada na projeção do futuro, um “sonho” que não todas vão poder cumprir. Neste sentido, as travestis mais novas, que se sentem belas e com corpos lidos como mais “femininos” têm mais possibilidades de trabalhar – ainda que nem sempre esta experiência seja vivida com “sucesso” – na Europa. Assim, os corpos das travestis têm grande importância tanto para conseguir reafirmar suas identidades de gênero como travestis, como também para construir-se como seres desejáveis e com valor como profissionais do sexo nos circuitos (trans)nacionais do mercado sexual.

Reflexões finais

Este artigo considerou os significados do trabalho sexual através da lente das participantes para analisar as experiências não heteronormativas e encarnadas do trabalho sexual. Os corpos das travestis trabalhadoras do sexo foram um eixo fundamental para organizar suas experiências identitárias, pois suas modificações corporais dão sentido ao seu estar no mundo em tantos travestis e a prostituição é um dos meios mais principais de consegui-lo. Neste sentido, o trabalho sexual é o espaço mais importante que as travestis têm para ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, empoderar-se ao reafirmarem suas identidades de gênero e sexualidades e ao sentir-se desejadas como “belas” travestis. Mas o trabalho sexual também é o lugar da violência e da morte. A prostituição nos permitiu pensar sobre as políticas da vida e da morte e como existe uma divisão marcada entre as pessoas trans que “merecem” viver e tomam distância duma prostituição que consideram “marginal” e aquelas vidas que são des-humanizadas e, finalmente, “merecem” morrer. A classe social, a raça ou o nível de educação vão determinar quem está de um lado ou do outro nesta divisão tão carnal e, simultaneamente, moral. A grande maioria das travestis trabalhadores sexuais das novas gerações estão situadas, pois, como seres abjetos que não têm valor como cidadãos em um cenário neoliberal que, paradoxalmente, as torna sujeitos de desejo do grande mercado sexual travesti que existe no Brasil e na Europa. Mais uma vez, podemos ver como as travestis encarnam as contradições biopolíticas e econômicas que entrelaçam desejo, beleza e dinheiro, mas também violência, criminalização e morte.

Agradecimentos

Muito obrigada aos editores deste dossiê, Mara Clemente e Fernando Bessa Ribeiro, pelo grande apoio outorgado na publicação deste artigo e, muito especialmente, quero agradecer ao meu amigo Gustavo Borges Corrêa pela ajuda na revisão do português.

Referências

- AGGLETON, Peter (org.). *Men who Sell Sex: International Perspectives on Male Prostitution and HIV/AIDS*. Philadelphia: Temple University Press, 1999.
- AIZURA, Aren. “Trans feminine value, racialized others and the limits of necropolitics”. In: HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia (orgs.). *Queer necropolitics*, Abingdon and New York: Routledge, 2014. p. 129-147.
- ANTUNES, Pedro S.; MERCADANTE, Elisabeth F. “Travestis, envelhecimento e velhice”. *Revista Kairós Gerontologia Temática*, v. 14, n. 5, p. 109-132, 2011.
- BAILEY, Marlon. “Gender/Racial Realness: Theorizing the Gender System in Ballroom Culture”. *Feminist Studies*, v. 37, n. 2, p. 365-386, 2011.
- BARRETO, Letícia; SILVEIRA, Cibele D. da; GROSSI, Miriam. “Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade”. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 46, n. 2, p. 511-534, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2012v46n2p511>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BLANCHETTE, Thaddeus; SILVA, Ana P. “Prostitution in Contemporary Rio de Janeiro”. In: DEWEY, Susan; KELLY, Patty (orgs.). *Policing Pleasure: Sex Work, Policy, and the State in Global Perspective*, New York: New York University Press, 2011. p. 130-145.
- BORTONI, Larissa. “Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional”, *Senado Notícias*, 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso em: 25 out. 2017
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

_____. *Precarious Life: The Power of Mourning and Violence*. New York: Verso, 2004.

CABRAL, Vinicius; SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J. “Espaço e morte nas representações sociais de travestis”. In: SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J.; CHIMIN JR., Alides (orgs.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*, Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 273-307.

DUQUE, Tiago. *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

EDELMAN, Elijah A. “Walking while transgender? Necropolitical regulations of trans feminine bodies of colour in the nation’s capital”. In: HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia (orgs.). *Queer necropolitics*, Abingdon and New York: Routledge, 2014. p. 172-190.

ESPEJO, Beatriz. “La prostitución desde una visión transexual”. In: HOLGADO FERNÁNDEZ, Isabel (org.). *Prostituciones*, Barcelona: Icaria, 2008. p. 123-138

FIGARI, Carlos. *Eróticas de la disidencia en América Latina: Brasil, siglos XVII al XX*. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad – CICCUS / CLACSO, 2009.

GARCIA, Marcos R. V.; LEHMAN, Yvette P. “Issues concerning the informality and outdoor sex work performed by *travestis* in São Paulo, Brazil”. *Archives of Sexual Behavior*, v. 40, p. 1211-1221, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GREEN, James. *Beyond Carnival: Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia. “Introduction”. In: HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia (orgs.). *Queer necropolitics*, Abingdon and New York: Routledge, 2014. p. 1-27.

HUTTA, Jan; BALZER, Carsten. “Identities and Citizenship under Construction: Historicising the ‘T’ in LGBT Anti-Violence Politics in Brazil”. In: TAYLOR, Yvette; ADDISON, Michelle (orgs.). *Queer Presences and Absences*, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013. p. 69-90.

- IRVING, Dan. "Normalized Transgressions: Legitimizing the Transsexual Body as Productive". *Radical History Review*, v.100, p. 38-59, 2008.
- KEMPADOO, Kamala; DOEZEMA, Jo (orgs.). *Global Sex Workers: Rights, Resistance, and Redefinition*. London: Psychology Press, 1998.
- KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- MARCUS, George. "Ethnography in/of the World System: the Emergence of Multi-sited Ethnography". *Annual Anthropological Review*, v. 24, p. 95-117, 1995.
- MATTHEWS, Roger. *Prostitution, Politics and Policy*. London: Routledge, 2008.
- MORENO FIGUEROA, Mónica. "Displaced looks: The lived experience of beauty and racism". *Feminist Theory*, v. 14, n. 2, p. 137-151, 2013.
- NOBLE, Bobby. "'My Own Set of Keys': Mediations on Transgender, Scholarship, Belonging". *Feminist Studies*, v. 37, n. 2, p. 254-269, 2011.
- OCHOA, Marcia. *Queen for a Day: Transformistas, Beauty Queens, and the Performance of Femininity in Venezuela*. Durham, NC and London: Duke University Press, 2014.
- PADILLA, Mark. *Caribbean Pleasure Industry: Tourism, Sexuality, and AIDS in the Dominican Republic*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- PADILLA, Mark; RODRÍGUEZ-MADERA, Sheilla; VARAS-DÍAZ, Nelson; RAMOS-PIBERNUS, Alixida. "Trans-Migrations: Border-Crossing and the Politics of Body Modification Among Puerto Rican Transgender Women". *International Journal of Sexual Health*, v.28, n. 4, p. 261-277, 2016.
- PARKER, Richard. *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press, 1991.
- PELÚCIO, Larissa. "'Toda Quebrada na Plástica': Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas". *Campos*, v.6, n. 1-2, p. 97-112, 2005.
- _____. *Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

PERES, Wiliam S. *Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008 (1987).

PISCITELLI, Adriana. “Entre as ‘máfias’ e a ‘ajuda’: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas”. *Cadernos Pagu*, v.31, p. 29-63, 2008.

PITCHER, Jane; WIJERS, Marjan. “The impact of different regulatory models on the labour conditions, safety and welfare of indoor-based sex workers”. *Criminology and Criminal Justice*, v. 14, n. 5, p. 549-564, 2014.

SILVA JUNIOR, Aureliano L. “Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado para travestis e mulheres transexuais*”. *Cadernos Pagu* [online] 50, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500015>. Acesso em 14 out. 2017.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J. “Intersectionality and transnational mobility between Brazil and Spain in *travesti* prostitution networks”. *Gender, Place and Culture*, v. 22, n. 8, p. 1073-1088, 2014.

SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J. “Sexualities, Tropicalizations and the Transnational Sex Trade: Brazilian Women in Spain”. In: BROWN, Gavin; BROWNE, Kath (orgs.). *The Routledge Research Companion to Geographies of Sex and Sexualities*, Abingdon and New York: Routledge, 2016. p. 331-340.

SIMPSON, Richard. “Brazilian World Cup star Ronaldo takes three prostitutes to his hotel room... only to discover they are MEN”. *Daily Mail Online*, 2008. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-562742/Brazilian-World-Cup-star-Ronaldo-takes-prostitutes-hotel-room--discover-MEN.html>. Acesso em: 24 mar. 2017.

SIQUEIRA, Mônica. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SKIDMORE, Emily. “Constructing the ‘Good Transsexual’: Christine Jorgensen, Whiteness, and Heteronormativity in the Mid-Twentieth-Century Press”. *Feminist Studies*, v. 37, n. 2, p. 270-300, 2011.

SMITH, Nicola. “Body issues: The political economy of male sex work”. *Sexualities*, v. 15, n. 5/6, p. 586-603, 2012.

SMITH, Nicola; LAING, Mary. “Introduction: Working outside the (hetero)norm? Lesbian, gay, bisexual, transgender and queer (LGBTQ) sex work”. *Sexualities*, v. 15, n. 5/6, p. 517-520, 2012.

TEIXEIRA, Flávia do B. “L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser *européia* e o *babado* da prostituição”. *Cadernos Pagu*, v. 31, p. 275-308, 2008.

TGEU, Transgender Europe. “Trans Day of Visibility 2017 Press Release”. *Transrespect versus Transphobia Worldwide*, 2017. Disponível em: <http://transrespect.org/en/tdov-2017-tmm-update/>. Acesso em: 29 ago. 2017.

VALE, Alexandre F. C. *O Vão da Beleza: travestilidade e devir minoritário*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.

VARTABEDIAN, Julieta. “Bodies and desires on the Internet: An approach to trans women sex workers’ websites”. *Sexualities*, OnlineFirst publication, DOI: 10.1177/1363460717713381, 2017.

WHOWELL, Mary. “Male sex work: Exploring regulation in England and Wales”. *Journal of Law and Society*, v.37, n. 1, p. 125-144, 2010.

YOUNG, Jet. “Saving us from penetration – ponderings from a trans rentboy”. *Graduate Journal of Social Science*, v.11, n. 2, p. 21-27, 2015.